

O INFERNO DA CLASSE OPERÁRIA: UMA LEITURA DO CONTO  
“TURMA 12”, DE AFONSO SCHMIDT\*

Carlos Eduardo FERNANDES NETTO\*\*

RESUMO

Neste estudo, buscamos demonstrar a singularidade do conto “Turma 12”, do escritor brasileiro Afonso Schmidt (1890-1964), relacionando a representação do fundo dialógico (em que as ilusões dos oprimidos se nutrem das falácias do opressor) e a expressividade poética de certas palavras. Devido a sua organização formal, o conto desvela a espoliação e a violência sobre as quais se funda a sociedade capitalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afonso Schmidt. Discurso ficcional. Estrutura social.

A obra de Afonso Schmidt<sup>1</sup> é marcada por ternura e simpatia pelos excluídos. Transcendendo o caráter panfletário, alguns escritos desse Autor apresentam personagens cuja força resulta da veracidade humana de sua elaboração, como acontece no conto “Turma 12”. Esse texto relata o martírio de cinco trabalhadores que, embora anônimos, tornam-se inesquecíveis por integrar personagens e leitor na humanidade que lhes é comum. Mas, antes de iniciarmos a análise da narrativa de ficção, leiamos os primeiros parágrafos de uma notícia publicada pela Agência Folha, em 4 de janeiro de 2000:

*Estivadores de Ilhéus (BA) que estão trabalhando no descarregamento de 8.500 toneladas de cacau no navio Karonga, de bandeira nigeriana, encontraram ontem pela manhã mais quatro*

\* Este texto é parte de um dos capítulos de minha tese de Doutorado (FERNANDES NETTO, 2001); para esta publicação, foi ligeiramente modificado.

\*\*Doutor em Letras: Estudos Literários (FCL-UNESP, Araraquara, 2001). Docente do UNAR - Centro Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson” (Araras, SP) e da Faculdade de Educação São Luís (Jaboticabal, SP). Pesquisador Colaborador Voluntário (pós-doutorando) junto ao Departamento de Teoria Literária do IEL-UNICAMP. cenetto@terra.com.br

<sup>1</sup>AFONSO SCHMIDT (Cubatão, SP, 1890 — São Paulo, 1964).

Obra poética:

*Lírios roxos* (1904), *Miniaturas* (1905), *Janelas abertas* (1912), *Lusitânia* (episódio patriótico em versos, 1916), *Mocidade* (1921), *Garoa* (1932), *Poesias* (1934), *Poesia* (1945).

Prosa:

*Brutalidade* (contos, 1922), *Os impunes* (contos, 1923), *O dragão e as virgens* (contos, 1926), *Pirapora* (contos, 1934), *Curiango* (contos escolhidos, 1935), *A sombra de Júlio Frank* (romance, 1936), *Zanzalás* (contos, 1938), *A vida de Paulo Eiró* (romance, 1940), *O tesouro de Cananéia* (contos, 1941), *A marcha* (romance, 1941), *Colônia Cecília* (romance de uma experiência anarquista, 1942), *O assalto* (1945), *O retrato de Valentina* (contos, 1948), *O desconhecido* (contos, s/d).

Teatro:

*As levianas* (1923), *Carne para canhão* (1933).

Afonso Schmidt foi um dos autores mais editados pelo Clube do Livro, de São Paulo:

*A marcha* (1945), *A primeira viagem* (1947), *O assalto* (1948), *Zanzalá e O reino do céu* (1949), *A sombra de Júlio Frank* (1950), *Aventuras de Indalécio* (1951), *Os boêmios* (1952), *Dedo nos lábios* (1953), *São Paulo de meus amores* — Ilustrado (1954), *Mistérios de São Paulo* (1955), *Bom tempo* (1956), *Menino Felipe* (1957), *A dactilógrafu* (1958), *O romance de Paulo Eiró* (1959), *Mirita e o ladrão* (1960), *O retrato de Valentina* (1961), *Tempo das águas* (1962), *O enigma de João Ramalho* (1963), *O canudo: Raul Pompéia em São Paulo* (1963), *O tesouro de Cananéia* (1964), *O pas-sadiço* (1967).

*corpos de africanos no cargueiro.*

*Na última quinta-feira, outros seis africanos tinham sido encontrados mortos nos porões do navio, que está ancorado no porto de Ilhéus (429 km ao sul de Salvador) desde o último dia 27. Segundo informações da PF, os africanos viajavam clandestinamente e morreram provavelmente envenenados pelo produto Gastoxim, um pulverizador colocado nos porões do navio para proteger o cacau de insetos.*

*O laudo com a causa das mortes somente deverá ser divulgado pela PF no início do próximo mês. (AGÊNCIA FOLHA, 2000, p.10)*

A leitura desse texto jornalístico nos conduz à releitura do conto “Turma 12”, publicado originalmente em 1941 e incluído na antologia *Trabalhadores do Brasil*, organizada por Roniwalter Jatobá (1998). Consideremos alguns aspectos responsáveis pela singularidade dessa narrativa.

### **Arranjo estético de discursos e estrutura social**

O enredo que apresenta similaridade com a notícia transcrita é o seguinte:

Quatro empregados na manutenção de uma ferrovia decidiram contratar o serviço de um intermediário, apelidado Cachimbo, que lhes facilitaria o embarque clandestino para Nova Iorque em um navio de carga. Um grupo composto por esse indivíduo, por um chofer e por um sujeito disfarçado de marinheiro estrangeiro recebeu de cada um dos trabalhadores quinhentos mil réis adiantados; igual quantia seria paga nos Estados Unidos, totalizando um conto por cabeça. No entanto, logo depois do embarque de vinte e cinco trabalhadores aliciados sob as mesmas condições, o tal Cachimbo dirigiu-se ao telefone e comunicou à Polícia Marítima a presença de clandestinos no navio. A Polícia prendeu vinte homens; cinco, porém, entre eles os da ferrovia, esconderam-se no porão, onde encontraram a carvoeira aberta. Quando a grade foi fechada, eles ficaram aguardando o socorro do indivíduo que consideravam um dos tripulantes do navio. Como o falso marítimo não chegava, o desespero dos clandestinos foi aumentando. Enquanto isso, tendo o cargueiro partido, os três golpistas promoviam uma farra, com muito champanhe, em uma casa noturna onde se tocava “jazz”. Dias depois, quatro cadáveres foram encontrados sobre o carvão revirado, alguns com os braços fraturados de tanto golpear a grade. Outros, para evitarem o suplício da asfixia, preferiram morrer batendo a cabeça contra a parede de ferro.

Com o intuito de realizarmos a paráfrase crítica do conto, o primeiro passo da análise será observarmos o posicionamento do narrador diante dos fatos relatados e os demais procedimentos responsáveis pela singularidade da narrativa e pelo seu impacto.

O propósito realista de recriação objetiva do ambiente perpassa o conto. Os dois primeiros parágrafos descrevem as condições de moradia das personagens e o tipo de trabalho exercido por elas:

*Era gente da conserva. A turma 12 tinha residência no quilômetro 84. Um barracão de madeira, coberto de zinco, sem compartimentos. Cerca de vinte camas dispostas à maneira de enfermaria. Ao fundo ficava a cozinha onde o Maneta, mutilado por um desastre na manobra, preparava com perícia o almoço, o jantar e os três cafés do dia. Ao lado do barracão, cercada por um tapume de varas unidas, ficava a horta; meia dúzia de tronchas depenadas pelo Maneta e pelas fornugas. Era dali que, aos domingos, saía a couve para o caldo-verde. Todas as manhãs, o feitor e seus homens seguiam para o local de trabalho e lá ficavam até à tarde.*

*A ferramenta e o balde de água fresca, com a caneca pendurada de banda, eram transportados num “trole” tocado a varas que, antes da curva, era descarrilado e atirado para fora da linha. As gôndolas de macadame atiravam a carga entre os trilhos, numa extensão de cem metros, onde os dormentes podres tinham sido substituídos por dormentes novos, e começava a obra de calço. Picareta em punho, os calceteiros iam metendo o cascalho debaixo dos dormentes, para firmá-los. (SCHMIDT, 1998, p.17)*

Schmidt preferia a linguagem chã dos manuais de ofícios ao palavreado garboso dos poetas oficiais. Essa opção estilística, busca do “sedimento aurífero de milhares de anos de trabalho e miséria” (SCHMIDT, 1964, p.12), lembra o perfeccionismo de Flaubert, que estudava pormenorizadamente tudo que se relacionasse a objetos e atividades a serem mencionados em seus romances (por exemplo, a produção de potes de cerâmica).

Mas precisamos demonstrar os meios empregados pelo Autor para transmitir literariamente sua indignação como pensador libertário. Destacando o sofrimento relacionado ao trabalho, Afonso Schmidt coloca a descrição realista a serviço da simpatia pela classe operária:

*Quando chegava o “trole” das marmitas, eles estavam ensolados. Ao redor da boca, uma mancha lívida; nos olhos fíndos um círculo negro, como se o sangue se houvesse coagulado. Suspendendo o trabalho, já não sabiam andar; arrastavam os sapatos grossos, cor de terra, sem ânimo de alcançarem o lugar do almoço. (SCHMIDT, 1998, p.18)*

O início da ação é a partida dos quatro trabalhadores para Santos, de onde embarcariam para a América do Norte. O narrador não disserta sobre os anseios dessas personagens; limita-se a mostrá-los, adentrando o pensamento delas, que se revela mediante o emprego do discurso indireto livre:

*Seus sonhos eram o mesmo: alcançar a América do Norte, onde há uma riqueza à espera de cada ambição. Não era difícil chegar lá, apesar das medidas tomadas pelo governo americano. Há sempre um jeito de burlar a lei. Um companheiro que trabalhava no porto conhecia gente que se encarregava disso. Gastava-se um pouco de sangue, era certo, mas no mês seguinte começaria vida nova... (Grifo nosso; SCHMIDT, 1998, p.18)*

O trecho destacado representa o discurso de quem se deixa levar pelas ilusões de riqueza fomentadas por agenciadores criminosos. Dessa maneira, no discurso do narrador inclui-se a representação do discurso alheio, em que se manifestam lugares-comuns como a visão paradisíaca da América do Norte, “onde há uma riqueza à espera de cada ambição”. Note-se que, nesse *slogan*, a palavra “ambição” apresenta a carga semântica positiva de que o espírito de concorrência do capitalismo a dotou. Na mesma passagem, ressoa a tão propalada esperteza do brasileiro: “Há sempre um jeito de burlar a lei”. Essas manifestações ideológicas recebem, no entanto, o impacto da lucidez céptica do narrador, que encerra o parágrafo com reticências, antecipando, assim, o desfecho trágico dos acontecimentos.

Esse narrador, na sua aparente neutralidade, desliza para dentro dos pensamentos das personagens, revelando-lhes as preocupações, e provoca no leitor o pressentimento de que a história vai acabar mal. Para reforçar a atmosfera de perigo e de maquinação criminosa de que os trabalhadores serão vítimas, o narrador adota a estratégia de abrir mão de parte da sua onisciência. É o caso do emprego do advérbio *talvez*, na citação abaixo:

*A roda do destino mói a sua farinha... Os clandestinos estão com a alma na boca... Que lhes irá acontecer, de bom ou de mau? Mas, a não ser eles próprios, ninguém mais se interessa pela sua viagem. O homem gordo voltou à sua profissão de "chauffeur", onde finge de homem sério, apresentando a cada passo documentação exemplar. O suposto marítimo, que não passa de um vigarista da terra, talvez mancomunado com gente de bordo, desaparece das vistas dos candidatos a milionários. E o Cachimbo, de acordo com a praxe, vai ao primeiro café, utilizar o telefone... (SCHMIDT, 1998, p.20)*

Contendo as manifestações de indignação e restringindo os esclarecimentos do enredo ao minimamente necessário, o narrador coloca em relevo os discursos alheios, como o discurso de enaltecimento da esperteza:

*Naquele domingo o Cachimbo, o homem gordo e o vigarista que se fantasiara de marinheiro fizeram uma farra maluca no Maringá. Da meia-noite para o dia mandaram descer champanhe, a fim de embebedar uma rapariga que se fazia de ingênuas.*

*Os que assistiam à farra perguntavam:*

*—Onde diabo esta gente arranjará tanto dinheiro?*

*O homem gordo bateu no peito e respondeu:*

*—É o meu suor, posso gastar como quiser!*

*Mas, como já estivesse a três e um ferros, não resistiu ao desejo de dar uma fila aos invejosos.*

*Aquilo era sua inteligência:*

*—O dinheiro está ali mesmo, à esquina. É só ir buscar. Não tenho culpa de que os outros sejam trouxas!*

*E não disse mais porque o "jazz" da Corneta de Ouro atroou a casa com trompas e saxofones. (Grifo nosso; SCHMIDT, 1998, p.21)*

Ao identificar inteligência e esperteza, a personagem revela cinismo e ostentação. Em um primeiro momento, proferiu o chavão do dinheiro ganho com o próprio suor; em seguida, com acinte, explicitou a mentalidade segundo a qual a sociedade se divide entre os "inteligentes", que se outorgam o direito de enganar e espoliar, e os "trouxas", que trabalham para manter a gente esperta, como o homem gordo e seus comparsas. Completando a passagem, o discurso da desfaçatez é coroado pelo som festivo da música norte-americana.

A cena da farra aparece intercalada entre os momentos de desespero crescente dos clandestinos trancafiados na carvoeira. O episódio seguinte ao da festa dos charlatães estabelece o contraste entre a alegria inescrupulosa do cabaré e o suplício dos homens da Turma 12:

*Os clandestinos dentro de algumas horas começaram a sentir os sintomas da asfixia, do envenenamento pelos gases que se desprendiam do carvão. Atiraram-se contra a porta de ferro da carvoeira e compreenderam que estavam presos. Presos e condenados à morte. Puseram-se a gritar, mas os seus gritos mal chegavam aos porões, não atravessavam as escotilhas. E o desespero foi crescendo, crescendo...*

*Quando, num dia qualquer, os fogueiros abriram o inferno da carvoeira, encontraram a porta forçada, e os varões de ferro arrebrandos. No fundo, sobre o carvão revoltado, os clandestinos estavam empilhados, mortos. Uns tinham os braços partidos, na luta com a grade; outros preferiram esmigalhar a cabeça contra a parede de ferro, a passarem pela tortura lenta da asfixia. Tinham os olhos esbugalhados, a fisionomia repuxada numa gargalhada que se fizera de pedra; morreram a sonhar com um "fox-trot" de milhões! (SCHMIDT, 1998, p.21)*

O comentário final do narrador restringe-se à fugaz referência ao sonho de fortuna dos trabalhadores. Busca-se impressionar o leitor mediante a apresentação dos detalhes que remetem ao terror da morte por asfixia. Sem descambar no sentimentalismo ou no patético (que nem sempre Afonso Schmidt soube evitar), a pesada carga de visualidade produz o efeito de identificação humana entre o leitor e as personagens imoladas. Habilmente, sem “errar a mão”, Schmidt elabora uma voz narrativa capaz de despertar sentimentos de compaixão, terror e, principalmente, indignação.

Considerando as relações entre a ficção e a realidade, representada, no início deste estudo, pela notícia da morte por asfixia dos clandestinos africanos, podemos observar a peculiaridade da organização dos significados no texto ficcional. De antemão, revela-se a distância entre a apresentação sumária dos fatos, própria do texto jornalístico, e a elaboração estética da narrativa literária, pois a significação ampla do conto se realiza mediante a contraposição de discursos que revelam as aspirações ingênuas dos trabalhadores oprimidos e a desfaçatez criminosa de grupos cujo procedimento se enraíza nas peculiaridades ideológicas das classes dominantes locais.

Verifica-se, portanto, que a significação literária resulta do arranjo dado aos discursos cotidianos, intermediados pela voz narrativa de modo a realçar as diferenças de intenções (a astúcia de uns alimenta a ingenuidade de outros). Por meio da elaboração discursiva, o texto de Afonso Schmidt opera a elucidação da estrutura social, fundada em divisões e atos de violência legitimados pela ideologia.

Raciocinando desse modo, pode-se dizer que a morte de alguns trabalhadores, à primeira vista um episódio isolado, tal como faria supor uma notícia de jornal ou televisão, na realidade não se separa da conformação social mais ampla. Afonso Schmidt, realizando uma narração habilidosa quanto ao discurso indireto livre, quanto à precisão das falas em discurso direto e, como veremos adiante, quanto à atribuição de caráter simbólico a detalhes visuais, desvenda a iniquidade subjacente a uma realidade que a ideologia pretende “normal” ou “natural”. Na ficção, os discursos do dia-a-dia — o fundo dialógico, ou a composição do plurilingüismo (BAKHTIN, 1993) — são submetidos à elaboração estética, cuja significação se impõe ao transcender a fugacidade da notícia de jornal. Desse modo é que, sem panfletarismo, a narrativa do conto de Schmidt conduz o leitor a vivenciar o âmago dos conflitos, dos anseios e do sofrimento de indivíduos que, na ficção, tornam-se mais presentes (mesmo não sendo nomeados) do que nos discursos do dia-a-dia. A produção literária de autores como Afonso Schmidt fala, sem a arrogância de quem o faz de cima para baixo, pelos que não têm sequer seus direitos fundamentais reconhecidos pelas formas sociais vigentes (os sem-alimentos, sem-saúde, sem-teto, sem-formação básica de qualidade, sem-universidade, sem-voz).

### As trevas e a pedra

Acrescentemos à observação da economia discursiva do trabalho ficcional o registro da função desempenhada por elementos cujo caráter metafórico potencializa a significação global do texto.

O filósofo Galvano Della Volpe define como específica ao texto poético a **organicidade semântica**, isto é, uma rede de significação em que o significado de cada elemento se constitui a partir de sua relação com todos os outros do mesmo texto, como se pode aferir na citação:

*Se, com efeito, confrontamos um texto poético com um texto histórico para ver o que os condiciona especificamente, a um e outro, observaremos que no primeiro caso o texto realiza por si mesmo, ou seja, com a sua rigorosa organização semântica, valores de conhecimento, de verdade ("verossimilhança"), que a experiência, a realidade, confirma com referência exclusiva àquele texto, àquela organização semântica (Grifos do Autor; DELLA VOLPE, 1980, p.117).*

Embora estudando a prosa narrativa, o analista e crítico do texto literário deve manter-se atento à expressividade dos recursos poéticos que participam do mencionado arranjo de discursos. Ao ler e reler o conto de Afonso Schmidt, observemos a importância da relação inextricável que se estabelece entre os adjetivos *negro* e *escuro*, os substantivos *treva*, *pedra*, *sol*, *trabalho*, *mãos*, *luz*, *ferida* e *esperança*, o verbo *arder*, o particípio *coagulado*, a expressão *noite eterna*, entre outros elementos. Na estruturação da narrativa, esses termos exercem dupla função: indicam a atmosfera sombria que anuncia o fim trágico das personagens e, simultaneamente, assinalam a sua condição de trabalhadores forçados: "Tinham-se tornado negros, pelo sol e pelo trabalho. Suas mãos eram de pedra"; "nos olhos fundos um círculo negro, como se o sangue se houvesse coagulado"; "Uma esperança lhes ardia nos olhos, iluminando-lhes o rosto negro" (SCHMIDT, 1998, p.18); "parece que aqueles homens tinham vergonha de esconder as mãos, duras como pedra"; "as mãos disformes, com calos negros"; "No dia seguinte fez um domingo escuro" (SCHMIDT, 1998, p.19); "A treva ali era espessa e venenosa. Ficavam sentados, ofegantes, a espiar por uma ferida de luz, aberta na noite eterna dos porões"; "A treva acaba por sufocá-los"; "A treva é absoluta" (SCHMIDT, 1998, p.20); "os olhos esbugalhados, a fisionomia repuxada numa gargalhada que se fizera de pedra" (SCHMIDT, 1998, p.21). No resultado artístico desse texto em prosa, a escuridão e a pedra atuam como elementos de marcação do ritmo narrativo, que traduz a voracidade da ganância monetária.

Adotando como pressupostos críticos a transcendência semântica (DELLA VOLPE, 1980) operada pelo texto literário a partir da imersão na seiva dos discursos cotidianos (BAKHTIN, 1993), encontramos em "Turma 12" a organização de um contexto lingüístico autônomo, porém dialogicamente voltado para os fundamentos da conformação social. Devido a sua organização formal, esse texto vale como instrumento que desvela a perversa divisão entre "espertos" e "trouxas", condição imposta pelo ritmo da acumulação capitalista.

#### ABSTRACT

*In this article, we intend to demonstrate the singularity of the Brazilian writer Afonso Schmidt's short-story "Turma 12" ("Outfit 12"), by investigating the connections between the representation of the dialogical background (in which the oppressed people's illusions are nourished by the oppressor's fallaciousness) and the poetical expressiveness of certain words. Due to its formal organization, the story unveils the spoliation and the violence capitalist society is based upon.*

**KEYWORDS:** Afonso Schmidt. Fictional discourse. Social structure.

#### REFERÊNCIAS

AGÊNCIA FOLHA. Mais 4 africanos são achados mortos em cargueiro na Bahia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 jan. 2000. Caderno Cotidiano, p.10.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Equipe de tradução: Aurora

Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. 3.ed. São Paulo: Unesp e Hucitec, 1993.

DELLA VOLPE, G. Discurso poético e discurso científico. In: \_\_\_\_\_. *Della Volpe*. Organização: Wilcon Jóia Pereira. Tradução dos textos: Modesto Florenzano. São Paulo: Ática, 1980 (Grandes Cientistas Sociais, 14).

FERNANDES NETTO, C.E. *Polissenso e plurilingüismo no conto urbano brasileiro: 1930-1945*. Araraquara, 2001. 173 p. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

JATOBÁ, R. (org.). *Trabalhadores do Brasil: histórias cotidianas do povo brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 1998.

SCHMIDT, A. *O tesouro de Cananéia*. São Paulo: Clube do Livro, 1964.

SCHMIDT, A. Turma 12. In: JATOBÁ, R. (org.). *Trabalhadores do Brasil: histórias cotidianas do povo brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 1998.p.17-21.